

Internacional



EUA
Bolton é convocado a depor no processo de impeachment. Pág. 18

Outro revés. Ao cancelar importantes encontros internacionais, presidente chileno diz que prioridade é restabelecer a ordem pública; concessões recentes, no entanto, não têm conseguido conter a onda de protestos contra seu governo que já deixou 20 mortos

Protestos fazem Piñera cancelar cúpula do clima e reunião da Apec no Chile

Rodrigo Cavalheiro
ENVIADO ESPECIAL / SANTIAGO

Pressionado por protestos que têm terminado em confronto e depredações, o presidente do Chile, Sebastián Piñera, desistiu ontem de receber duas importantes cúpulas internacionais, uma econômica e outra ambiental, que ocorreriam este ano - a final da Libertadores, porém, foi mantida no dia 23. Ele alegou que a prioridade agora é "restabelecer a ordem pública".

Enquanto o presidente lamentava a decisão, milhares de chilenos voltavam a se reunir na Plaza Italia, a dois quilômetros do Palácio La Moneda. Houve novos confrontos. À tarde, os sons ouvidos nas quadras próximas do palácio foram os de sirenes de bombeiros ou da polícia, de explosões de bombas de gás, de pedras atingindo os blindados e dos manifestantes chamando de assassinos os "pacos", apelido dos policiais. Há 20 mortos, 5 das tribulações as forças de segurança.

Desde o dia 18, após um protesto contra o aumento no preço do metrô, Piñera tem tomado medidas para tentar arrefecer a mobilização. A suspensão do encontro da Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (Apec), que reuniria líderes mundiais nos dias 16 e 17, e da Conferência do Clima da ONU, a



Em crise. Manifestantes chilenos protestam contra governo do presidente Sebastián Piñera no centro de Santiago

COP-25, de 2 a 13 de dezembro, foi o recuo de maior repercussão externa. "É uma decisão dura. Afinal, 73% de nossas exportações vão para a Apec. A COP também era fundamental para lutar contra mudanças climáticas. Elas não ocorrerão mais no Chile", afirmou Piñera, de-

monstrando abatimento. Suas concessões não têm diminuído a mobilização, que varia de acordo com o tema central da convocação, feita pelas redes sociais e sem líder conhecido. As de ontem, focadas em pedágios (há oito praças para se cruzar Santiago), foram meno-

res que as de terça-feira, por melhoria nas aposentadorias. Para especialistas, a diversidade de demandas e a falta de um negociador do lado oposto são fatores que fizeram a estratégia de Piñera fracassar até agora. Após dizer que estava em guerra, o presidente tem feito

Prejuízos
US\$ 1,4 bi
é o tamanho do prejuízo causado pela paralisação e pela depredação do patrimônio público durante os protestos

concessões em sequência. Primeiro, anunciou um pacote de emergência cujo custo será de US\$ 1,4 bilhão. Depois, fez mudanças no gabinete, trocas criticadas pelos manifestantes por não trazerem ministros de outra corrente política. Alguns nem foram demitidos, só trocaram de pasta.

Na reunião da Apec, a Casa Branca esperava que o presidente Donald Trump assinasse com o chinês Xi Jinping o primeiro protocolo para um acordo comercial que colocaria fim à disputa entre os dois países. "A suspensão cria um dano enorme à imagem do país. A guerra comercial entre EUA e China poderia ter fim aqui. É um revés para Piñera", avalia o analista político Juan Pablo Toro, da consultoria Athena Lab e professor da Pontifícia Universidade Católica do Chile.

Piñera disse ontem não descartar "mudanças estruturais", o que foi interpretado como uma abertura à convocação de uma Constituinte, promessa que Michelle Bachelet, sua antecessora, não conseguiu cumprir. Para Eugenio Guzmán, professor da Universidad del Desarrollo, governo e oposição ainda têm diagnósticos distintos para a revolta. "A oposição pede uma nova Constituição, enquanto o governo aposta em reformas que aliviem a situação da população", afirma Guzmán.

Protesto pela educação

CHILENOS SOB 'APARTHEID' EDUCACIONAL

Sistema torna difícil que estudantes de escolas públicas cheguem à universidade

Quando o blindado que lança jatos d'água e bombas de gás deu sinal de que abandonaria o vaivém pela Avenida Bernardo O'Higgins, onde fica o Palácio La Moneda, para entrar na estreita rua San Francisco, no centro de Santiago, dezenas de jovens dispararam em sentido contrário pela via. O piloto do veículo militar recuou, prevenido que ficaria exposto a arremesso de pedras e utensílios domésticos das janelas

dos prédios. Mas o estampido já tinha provocado quedas e detrações de alguns pistoteados. Um manifestante chamava atenção por correr de olhos fechados.

Ignacio Pinto, de 24 anos, tentara minutos antes chegar ao palácio presidencial, a duas quadras dali. Durante confronto com "carabineros" que isolam com barreiras a sede de governo, foi atingido no rosto por gás pimienta. "Não sabia que substância havia no spray e lavei o rosto com água, o que piorou o efeito. Por isso não consigo ver", disse ao Estado, sem enxergar o interlocutor. Esta região da cidade tornou-se um foco permanente de confronto, o que levou o hotel da esquina, o cinco estrelas Plaza San Francisco, a fechar. A uma quadra, uma unidade do Mercure foi incendiada.

"Não sou partidário da violência, mas entendo a revolta se uma geração ou duas foi exposta um cenário em que não pode entrar na universidade", afirmou o jovem, que deixou uma cidade pequena no extremo norte do país para viver na capital com a mãe e um irmão. A disparidade de qualidade entre ensino privado e público no Chile torna raro um estudante de escola pública chegar à universidade. Ignacio estudou em uma escola particular que custava 250 mil pesos (R\$ 1.345) por mês. Paga hoje 8 milhões de pesos (R\$ 42 mil) por ano por seu curso na Universidade Andrés Bello, no qual acaba de entrar e do qual deve sair em seis anos. A universidade cancelou as aulas,

que só devem ser retomadas em três semanas. Ignacio representa a face mais vista nas marchas, a dos jovens e adolescentes. Uma das exigências centrais das mobilizações - que começaram com estudantes secundaristas contrários ao aumento no metrô e logo se tornaram difusas - é que o sistema



Revolta. Ignacio Pinto, estudante chileno, protesta contra Piñera

de ensino não tenha tanta disparidade entre público e privado.

Quem não pode pagar o ensino universitário e recorre a créditos estudantis tem o empréstimo diretamente descontado do salário nos primeiros anos de carreira. Há relatos de que esses "primeiros anos" eventualmente se convertem em três décadas e são pagos como um financiamento qualquer.

Segundo Mario Waissbluth, diretor do centro de estudos Educación 2020, o sistema educacional chileno, embora apresente resultados superiores aos da média latino-americana - tem o melhor índice no último exame Pisa, de 2015 - apresenta como problema central a exclusão. Ele creditou o sucesso dos estudantes chilenos a políticas educacionais que praticam

não variaram entre governos de esquerda e direita. Ele reconhece que o país conseguiu reduzir brutalmente a pobreza - de 45%, em 1990, passou para 10% -, mas lamenta o que considera um "apartheid" educacional.

"Temos três tipos de escolas no Chile. As públicas, que recebem 35% das matrículas. As privadas subvencionadas, que recebem 58% e abrigam a classe média. E as particulares pagas, que são caríssimas. Destas saem os futuros gestores, que casam com futuras gestoras e têm gestorezinhos."

Nesta última categoria, a dos mais favorecidos, está Ignacio. "Tenho sorte de minha avó poder pagar a mensalidade. Não precisaria estar aqui, mas minha família já foi pobre. Tento estudar em casa enquanto a universidade está fechada, mas não consigo me concentrar diante do que está ocorrendo." /r.c.

Bolívia e OEA concordam com auditoria de eleição

Auditoria será 'vinculante' e conclusão deverá ser acatada por OEA e governo, diz chanceler boliviano

LA PAZ

A Bolívia e a Organização dos Estados Americanos concordaram ontem em realizar uma auditoria do resultado das eleições presidenciais vencidas no primeiro turno por Evo Morales. Segundo o chanceler boliviano, Diego Pary, o processo deve começar hoje, após a che-

gada de cerca de 30 técnicos da organização.

O chanceler disse que a auditoria será "vinculante", ou seja, sua conclusão deverá ser acatada pela OEA e pelo governo boliviano. "(O acordo garante) a verificação das atas, do processo, de dados estatísticos e da cadeia de custódia dos votos, além do acesso às instalações e às informações que forem solicitadas (pelos técnicos)", completou o Pary.

A apuração da Organização Eleitoral Plurinacional (OEP) deu a vitória no primeiro turno a Evo, que conquistou 47,08% dos votos e obteve uma vanta-

gem de 10 pontos sobre seu adversário Carlos Mesa, que teve 36,51% dos votos. Mas, segundo os rivais, pode ter havido manipulação do sistema de contagem rápida da OEP, que inicialmente previa um segundo turno entre Evo e Mesa.

Um segundo sistema oficial de contagem definitiva também apontou a reeleição a Evo, no poder desde 2006. Desde então, os protestos denunciando

Oposição
"A auditoria não consultou o país nem nossas condições, principalmente a de não reconhecer contagem do TSE"

Carlos Mesa
CANDIDATO OPOSITOR

fraude se intensificaram, com a queima de centros eleitorais, greves e bloqueios de estradas, enquanto OEA, União Europeia e países da região recomendaram uma segunda votação para acabar com as tensões.

Mesa disse ontem que rejeitará a "auditoria eleitoral unilateral" entre o governo de Evo e a OEA. "Nos não aceitamos a auditoria nos termos atuais, pactuados unilateralmente", afirmou. Mesa, um político centrista que governou a Bolívia entre 2003 e 2005, disse que só aceitaria a auditoria "se (Evo) estivesse disposto a não aceitar o resultado do Supremo Tribunal Eleitoral". Ontem, o líder dopositor Comitê Cívico de Santa Cruz (leste), Luis Fernando Camacho, também criticou a auditoria e propôs anular as eleições. /AFP e REUTERS

PARCERIAS INTERNACIONAIS REFORÇAM A NOSSA SOLIDEZ.

Em 1998, a Setin inaugurou o 1º Mercure Grand Hotel, consolidando a parceria com a Accor Hotels.

SETIN
INCORPORADORA
Construção de valor
setin.com.br

PRESTREEDER